

Estudo comparativo entre as siglas poveiras de Póvoa de Varzim/Portugal e as marcas de gado do sertão nordestino/Brasil: aproximações e distinções na construção dos padrões gráficos e transmissão hereditária¹

*Rafael Arnoni²
Susana Barreto³*

RESUMO

O objetivo do artigo é apresentar e comparar características de criação, utilização e transmissão hereditária de dois sistemas gráficos utilizados para a identificação do gado, utensílios de pesca e objetos pessoais, avaliando a influência do meio, da memória, da cultura local e de influências externas na construção das marcas. A partir da contextualização do meio, as Siglas Poveiras dos pescadores de Póvoa de Varzim em Portugal e as marcas de gado dos criadores no Sertão nordestino são apresentadas em suas características gráficas mais relevantes. São comparados a partir de suas formas de transmissão, relações com o meio e sua função original. Os resultados obtidos reforçam a possibilidade de migração dos mecanismos de transmissão hereditária das Siglas Poveiras para o contexto local dos criadores de gado nordeste do Brasil.

PALAVRAS-CHAVES

Design gráfico popular, Marcas de Gado, Siglas Poveiras, identidade, tradição.

Comparative study of siglas poveiras of Varzim póvoa/Portugal and cattle brands of Brazilian northeastern's sertão: approximations

¹ Este artigo tem como origem o estudo de caso apresentado para disciplina de Metodologia de Pesquisa do Doutorado em Design da Universidade do Porto, Universidade de Aveiro, UPTEC e ID+. Está relacionado ao projeto de tese voltado a identificação de características gráficas, origens e influências culturais das marcas de gado da Região do Rio da Prata.

² Doutorando do Programa de Doutorado em Design da U.do Porto, U.de Aveiro, UPTEC e ID+, 2 Professor da Coordenadoria de Design do Instituto Federal Sul-rio-grandense, Pelotas, Brasil - rafael.arnoni@gmail.com

³ Professora Dr.^a Auxiliar da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, Professora do Programa de Doutorado em Design da U.do Porto, U.de Aveiro, UPTEC e ID+, Membro do ID+ Instituto de Investigação em Design, Media e Cultura - susanaxbarreto@gmail.com

and distinctions in the construction of graphic patterns and hereditary transference

ABSTRACT

The purpose of this article is to present and compare the characteristics of the creation, use and inheritance of two graphic systems used to identify cattle, fishing utensils and personal objects, evaluating the influence of the environment, memory, local culture and external influences in the construction of brands. From the contextualisation of the environment, the Siglas Poveiras of the fishermen of Póvoa de Varzim in Portugal and the livestock brands of the breeders in the Brazilian Northeastern Sertão are presented in their most relevant graphic characteristics. They are compared from their forms of transmission, relations with the medium and their original function. The results obtained reinforce the possibility of migration of the mechanisms of hereditary transmission of the Siglas Poveiras to the local context of cattle breeders northeast of Brazil.

KEY-WORDS

Popular graphic design, Cattle Brands, Siglas Poveiras, identity, tradition.

Introdução

O desenvolvimento deste artigo é realizado a partir do reconhecimento de semelhanças em mecanismos de transmissão hereditária de sinais gráficos utilizados nas Siglas Poveiras da comunidade pesqueira de Póvoa de Varzim em Portugal e Marcas de Gado do Sertão Nordeste no Brasil. Com este estudo pretende-se assinalar a provável relação de continuidade entre os dois sistemas gráficos, por meio do reconhecimento de suas semelhanças e diferenças. A metodologia utilizada baseia-se em ferramentas de investigação visual qualitativos (ROSE, 2012; CRESWELL, 2014), utilizando nesta etapa observações de campo⁴, entrevistas em Póvoa de Varzim⁵ e referências bibliográficas sobre ambos sistemas⁶.

Mollerop (1997) distingue a origem histórica das marcas contemporâneas a partir de dois motivos: a necessidade e o desejo, sendo utilizadas como meio de identificação de três maneiras: para a identidade social - quem a pessoa é; para a propriedade – a quem pertence;

⁴ Visitas realizadas ao Museu Etnográfico e Histórico de Póvoa de Varzim em 29/12/2015 e 06/01/2016.

⁵ Entrevista com a Dra. Deolinda Carneiro, diretora do Museu Etnográfico e Histórico de Póvoa de Varzim, em 06/01/2016.

⁶ As referências sobre as siglas poveiras baseiam-se em Graça (1932), Filgueiras (1970) e Heitlinger (2007). Sobre as marcas de gado sertanejas as referências foram Suassuna (1974, 2013), Medeiros Filho (1981), Maia (2004), Diniz (2008), Paes (2011) e Macedo (2012).

e para designar origem - quem produziu. Em sua origem ambos os sistemas aqui apresentados podem ser considerados como marcas necessárias a identificação de utensílios e animais, convertendo-se com o tempo em marcas que demonstravam o pertencimento a um grupo familiar, inserido em um contexto cultural e social.

As Siglas Poveiras possuíam a função de identificar utensílios pessoais de pesca, muitas vezes utilizados e armazenados junto aos pertences de outros pescadores. Com propósito semelhante, as marcas de gado eram utilizadas originalmente para identificar animais criados em campos indivisos que ficavam misturados aos de outras pessoas ou de outros grupos. Essa necessidade de identificação pode ser entendida com maior clareza a partir da contextualização de Frutiger (1999):

A ideia de propriedade em ferramentas, objetos de uso doméstico, entre outros, era um modo de expressar o desejo individual de marcar os bens, determinado não apenas por questões de segurança, uma vez que a maioria dos equipamentos, móveis, etc permanecia sob o teto do proprietário. Os animais domésticos, porém, principalmente o gado, não possuíam um local geográfico fixo dentro dos limites de uma propriedade. As ovelhas, cabras e o gado bovino de toda a comunidade eram sempre reunidos em manadas para serem levados de pastagens em pastagens à procura de alimento. Por essa razão, a marcação do gado era absolutamente necessária (FRUTIGER, 1999, p.295).

À esta necessidade inicial de identificação dos objetos, somam-se com ao longo do tempo outras funções simbólicas, voltadas a preservação de memórias familiares e como elemento de reconhecimento da identidade de um grupo ou de uma cultura local. Este artigo pretende explorar essas construções simbólicas, contextualizando e descrevendo as principais características de transmissão hereditária e construção dos padrões gráficos das Siglas Poveiras e das Marcas de Gado, para ao final estabelecer pontos de contato e analogias possíveis entre os dois sistemas.

As Siglas Poveiras

As Siglas Poveiras foram marcas utilizadas pela comunidade pesqueira tradicional de Póvoa do Varzim, localizada na região norte de Portugal. Segundo Graça (1932) e Filgueiras (1970) a comunidade ou colmeia poveira caracterizava-se por possuir tradições e regras comunitárias claramente definidas em relação a estratificação social do trabalho com a pesca,

casamentos, vida social, auxílio e suporte à comunidade. Entre estas regras estava a transmissão das marcas pessoais utilizadas pelos pescadores para seus filhos ou herdeiros de direito. Estas marcas faziam parte de um contexto gráfico simbólico mais amplo, que abrangia ainda as divisas – representações de caráter mágico-religiosas pintadas nos barcos, e as balizas – boias para redes de pesca com identificação de seus proprietários. Em um momento em que poucas pessoas da comunidade sabiam ler e escrever, as siglas substituíam os nomes em negócios ou na marcação de utensílios de pesca e pessoais. Eram reconhecidas por toda a comunidade e consideradas como brasões de famílias (GRAÇA, 1932).

A transmissão dessas marcas para os filhos ou herdeiros obedecia regras definidas que refletiam em sua composição gráfica. Os filhos possuíam o direito de acrescentar à marca do pai um elemento gráfico que representaria a descendência. Por esta ordem o primeiro filho acrescentaria um elemento, o segundo filho dois, até o último filho, conforme a Figura 1 (GRAÇA, 1932). Ao último filho caberia a marca original do pai e seus instrumentos de pesca, por ser tradicionalmente o responsável pelo cuidado dos pais até sua morte.

Figura 1 – Representação das Regras utilizadas pelos descendentes.

Pae	1º FILHO	2º FILHO	3º FILHO	4º FILHO	FILHO MAIS NOVO: HERDEIRO

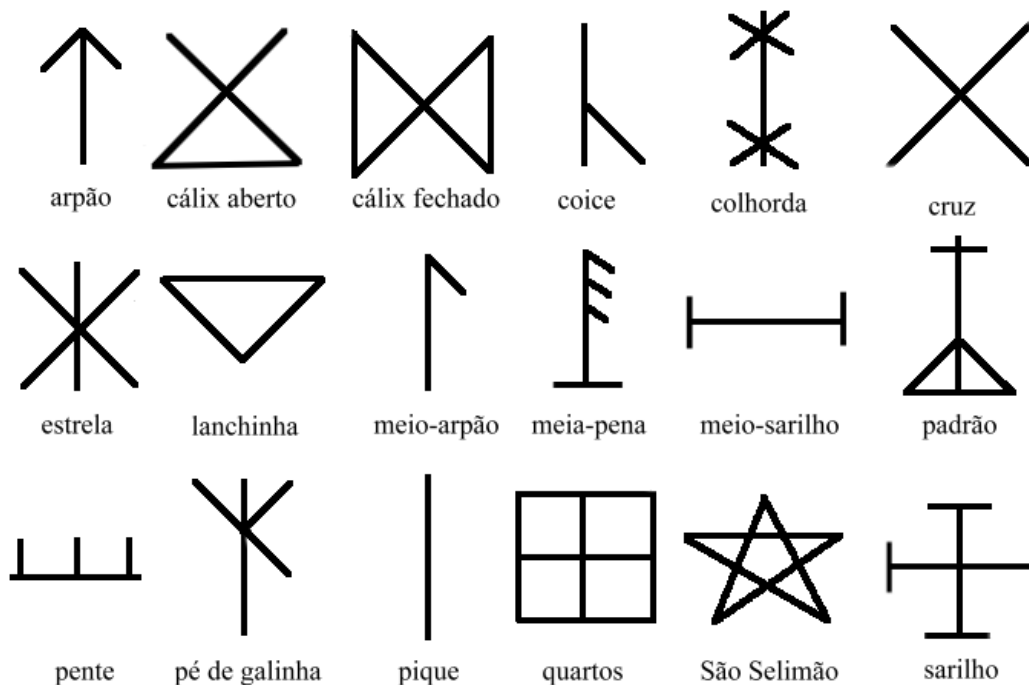
REGRAS USADAS PELOS DESCENDENTES

Fonte: Graça, 1932.

As características gráficas mais marcantes são a concisão em relação aos traços, sempre retos e com poucos detalhes. Defende-se aqui a hipótese de que esta característica tenha com origem a forma como as marcas eram registradas, geralmente com materiais cortantes sulcados na madeira ou cortiça. As referências visuais para a construção destes sinais gráficos estão associadas com simplificações de referências do cotidiano (GRAÇA, 1932), como mostra a Figura 2 (HEITLINGER, 2007). Estes elementos básicos associados entre si formavam as marcas pessoais de cada poveiro pescador. É possível perceber que os elementos não sofrem modificações ou interferências, sendo apenas acrescentados ao lado ou sobrepostos à marca original.

Ao longo do tempo as Siglas incorporaram significados para além da identificação do material de pesca. As marcas passam a ser utilizadas em objetos pessoais e na decoração de vestimentas e utensílios. Atualmente, ainda que utilizadas com seu propósito original por algumas famílias de pescadores, foram convertidas em elemento identitário amplamente utilizadas e reconhecidas da comunidade de Póvoa de Varzim.

Figura 2 – Figuras básicas utilizadas nas Siglas Poveiras



Fonte: Heitlinger, 2007.

As Marcas de Gado Sertanejas

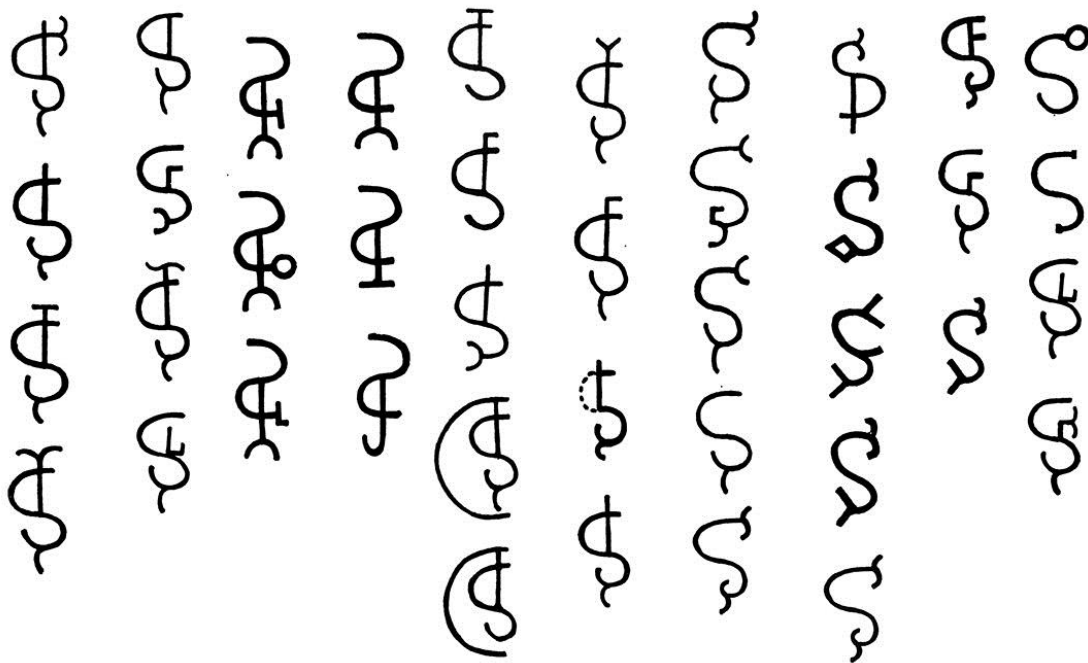
As marcas de gado sertanejas, mais especificamente da região do Seridó do Nordeste do Brasil, estão inseridas em um universo simbólico altamente rico e elaborado, sendo explicitado e explorado inicialmente por Ariano Suassuna (1974) no período em que lança o Movimento Armorial. Segundo Maia (2004), Suassuna “chamava a atenção para a existência no Brasil, de uma rica heráldica, presente desde os ferros de marcar bois no Sertão nordestino aos emblemas dos clubes de futebol das nossas grandes cidades, passando pelas bandeiras das Cavalhadas, pelos estandartes dos Maracatus, dos Caboclinhos ou das Escolas de Samba. A ligação com essa heráldica seria um dos pontos de partida para a realização de uma arte nova, erudita e de caráter brasileiro – a arte armorial”. Neste contexto de reconhecimento de uma heráldica popular brasileira, as marcas de gado sertanejas são reconhecidas como brasões de família, reconhecidos e utilizados por gerações de criadores.

O processo de colonização da América do Sul por portugueses e espanhóis (PONT, 1983; MAIA, 2004, pp. 01-03) trouxe consigo a prática de criação de gado e a utilização de suas marcas tradicionais. Em relação ao Nordeste, Paes (2011) afirma que

Com o processo de ocupação territorial no Nordeste e mais especificamente nos sertões, a criação de gado passou a ser uma das principais atividades econômicas, de forma que as práticas relacionadas ao ciclo do gado – entre elas a marcação dos animais – tornaram-se recorrentes na região (op. cit., p.21).

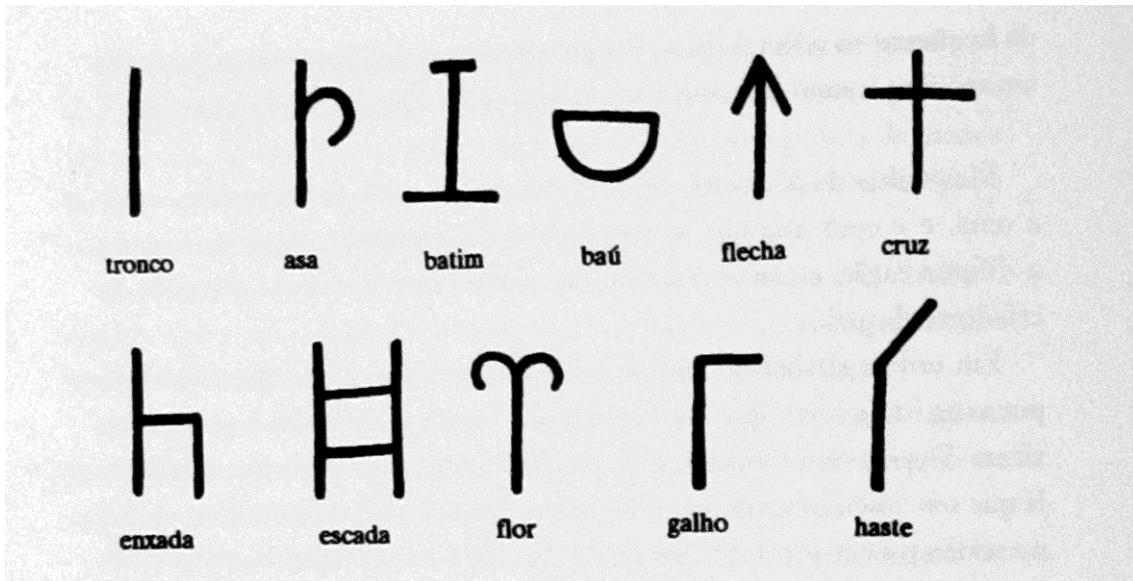
Nessa região, a forma de criar e transmitir aos herdeiros as marcas de gado adquiriu aspectos particulares, em relação a forma como as marcas eram transmitidas e reelaboradas a partir da marca do antecessor. A partir da marca do patriarca, denominada *mesa* ou *caixão* (MAIA, 2004), os filhos acrescentavam elementos à marca do pai, conforme exemplos da Figura 3 (MAIA, 2004). Neste processo, as marcas originais sofrem supressões, acréscimos de novos elementos conhecidos como *diferenças*, espelhamentos, rotações e outras formas de distinção. Não existem aqui regras claras para a criação das novas marcas, que são feitas segundo a vontade do futuro proprietário. As *diferenças* das marcas de gado possuem, como nas Siglas Poveiras, uma nomenclatura específica, em alguns casos com referências claras a objetos, como pode ser observado na Figura 4 (MAIA, 2004).

Figura 3 – Marcas da família de Manuel Fidélis



Fonte: Modificado de Modificado de Maia, 2004, pp. 40-44.

Figura 4 – Divisas utilizadas nas marcas sertanejas.



Fonte: Maia, 2004, pg. 36.

As marcas de gado nordestinas partem geralmente de uma base criada a partir de algarismos, letras, sinais gráficos abstratos ou figurativos bastante simples. A partir de

avaliação dos registros presentes na bibliografia consultada (SUASSUNA, 1974; MAIA, 2004; DINIZ, 2008; PAES, 2011), acredita-se que a base das marcas seja determinada em razão do nome dos proprietários, representados por suas iniciais, na forma de monogramas, ou por elementos que estejam associados a referências visuais relevantes a seus autores. A partir desta base são realizadas supressões, acréscimos ou outros tipos de modificação.

As marcas de gado são elaboradas utilizando geralmente formas curvas, com cantos curvos e poucos inflexões bruscas. Acredita-se que essa forma de construção seja influenciada pelas características do material utilizado na confecção dos ferros. Neste processo, as formas curvas são moldadas com mais facilidade do que aquelas com mudanças de direção acentuada. Em pontos de união específicos e para a incorporação das *divisas* nas bases, percebe-se a utilizados de solda.

Segundo Paes (2011, pg. 68) as marcas familiares perdem espaço para o uso de marcas desvinculados a transmissão familiar. Entretanto, é possível identificar sua utilização para além da marcação do gado, em objetos pessoais e como elementos decorativos.

As relações entre as Siglas Poveiras e as Marcas de Gado Sertanejas

A partir de suas particularidades as Siglas Poveiras e as marcas de gado sertanejas permitem que se estabeleçam comparações entre os dois sistemas, a partir da observação de seus pontos de aproximação e diferenças. Levanta-se a hipótese de que as Siglas Poveiras foram levadas ao nordeste brasileiro por colonizadores da região de Póvoa de Varzim, sendo adaptadas às necessidades dos criadores de gado e adquirindo uma dinâmica própria de transmissão. A hipótese ganha força a partir dos textos de Medeiros Filho (1981) e Macedo (2012), onde registram a migração de descendentes portugueses das regiões do Minho e Douro a partir da primeira metade do século XVII para a região do Seridó, conforme Tabela 1 (Macedo, 2012).

Tabela 1 – Procedência dos migrantes lusitanos do Seridó

Região	Freguesia ou Vila	Patriarcas
Açores	S. Pedro da Ribeira Seca, Ilha de S. Miguel	Rodrigo de Medeiros Rocha e Sebastião de Medeiros Mattos
	Ilha de S. Miguel (sem indicar freguesia)	José Inácio de Matos, José Tavares da Costa, Antonio Garcia de Sá e Manuel Pereira Bolcão
	Ilha de S. Jorge e matriz da mesma	Manuel Vieira do Espírito Santo
Minho (Braga*)	Barcelos	José Dantas Corrêa
	Vilar da Veiga	Joaquim Barbosa de Carvalho
	Viana do Castelo	Tomaz de Araújo Pereira
	Sem indicação	Antonio de Azevêdo Maia
Douro (Porto**)	Santo Tirso	Antonio da Silva e Souza
	S. Vicente de Loredó	José Ferreira dos Santos
	S. Mamede, Vila da Feira	Manoel Pereira de Freitas
	Santa Maria de Água Santa	Manoel e Rodrigo Gonçalves de Melo
	Vila do Faral	Antonio Fernandes Pimenta
Estremadura	Bispado de Leiria	Manuel Rodrigues da Silva
	Santa Maria de Lourdes do Patriarcado de Lisboa	Bartolomeu dos Santos
Trás-os-Montes	Torre de Moncorvo	Antonio da Rocha Gama

fonte: MEDEIROS FILHO, Olavo de. *Velhas famílias do Seridó*, p. 4.

* Arcebispado; ** Bispado

Procedência dos migrantes lusitanos que constituíram família ou tiveram descendentes na Freguesia do Seridó. Fonte: Macedo, 2012.

O ponto de contato mais evidente são os mecanismos de transmissão hereditária que, embora apresentem distinções na configuração das marcas, possuem o mesmo caráter de perpetuação da memória familiar, como brasões de origem popular e de reconhecimento como símbolos individuais ou coletivos; a extrema concisão dos padrões gráficos; e sua utilização para fins que vão além de sua função original. Enquanto a composição gráfica das Siglas Poveiras se mostra definida e regrada, influenciada tanto pela forma de transmissão quanto pelos padrões utilizados como base para criação, a composição das Marcas Sertanejas é realizada de forma livre, sem uma base de padrões ou regramento de transmissão definidos. Ambos os sistemas utilizam referências visuais da cultura local em seus elementos básicos, seja no corpo da marca, como no caso das Siglas Poveiras, seja nos complementos, como nas Marcas Sertanejas.

Destaca-se a importância que os materiais e a forma de utilização desempenham na composição de ambos os tipos de marcas. A forma resultante é dada pela maneira como as marcas são gravadas ou pelo processo de produção do meio de gravação. No caso das Siglas Poveiras, os traços retos que podem ultrapassar o limite do ponto de intersecção, em razão da realização de sulcos na madeira ou cortiça. No caso das marcas de gado, as linhas curvas e

cantos arredondados, em razão da necessidade da dobra do ferro, como demonstra a Figura 5.

Figura 5 – Siglas poveiras e marcas sertanejas gravadas na madeira.



À esquerda: Porta gravada com Marcas de Gado à esquerda. (PAES, 2011). À direita: Porta gravada com Siglas Poveiras (Museu Etnográfico e Histórico de Póvoa de Varzim. Foto: Acervo do Autor).

Por fim, cabe destacar a significativa redução do uso original de ambos os sistemas e sua transmissão hereditária, dando lugar a funções simbólicas distintas, seja para identificação de bens pessoais diferentes de sua utilização original, suporte memorial de famílias ou símbolo que representa e expressa uma comunidade e sua cultura.

Considerações finais

A proposta de comparação entre os sistemas gráficos das Siglas Poveiras e das Marcas de Gado Sertaneja permitiu que fossem observados e interpretados sendo possível estabelecer analogias entre seus mecanismos de transmissão hereditária oriundos de uma organização social estabelecida, a forma de construção ligada ao uso e produção e a presença marcante da cultura e referências locais na origem de seus padrões gráficos. Considera-se que o estudo como uma etapa inicial, que necessita ser aprofundado de forma a confirmar a migração das siglas de Póvoa de Varzim para o contexto da criação de gado para o Sertão nordestino. Abrem-se, de maneira geral, possibilidades para que se avancem estudos que

estabeleçam vínculos entre sistemas sinais gráficos, a influência da cultura local em sua configuração e sua utilização como elemento identitário de um grupo ou comunidade.

Referências

CRESWELL, J. W. **Investigação Qualitativa e Projeto de Pesquisa: Escolhendo entre Cinco Abordagens**. Penso Editora, 2014.

DINIZ, Nathália Maria Montenegro. **Velhas fazendas da Ribeira do Seridó**. 2008. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

FILGUEIRAS, O. L. Sobre as origens do barco poveiro. In: Câmara Municipal, 1970. **Boletim cultural “Póvoa de Varzim”**, Vol IX-2.

FRUTIGER, A. **Sinais & Símbolos: Desenho, projeto e significado**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GRAÇA, A. S. **O poveiro**. Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 1932.

HEITLINGER, P. Marcas e siglas poveiras. **Cadernos de Tipografia**. Disponível em: <http://www.tipografos.net/cadernos/cadernos-03.html>. Acesso em 01 Mar 2016.

MAIA, V. **Rudes Brasões: ferro e fogo das marcas avoengas**. Cotia: Atelier Editorial, 2004.

MACEDO, H. A. M. Colonos Portugueses e Luso-Brasílicos na Formação de Agrupamentos Familiares na Freguesia do Seridó (1788-1811). **Clio-Revista de Pesquisa Histórica**, n. 29.2, 2012.

MEDEIROS FILHO, O. **Velhas famílias do Seridó**. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1981.

MOLLERUP, P. **Marks of excellence**. Phaidon Incorporated Limited, 1999.

PAES, D. L. N. **Sob o signo das boiadas: as marcas de ferrar gado que povoam o sertão paraibano**. 2011. Mestrado do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro.

PONT, R. **Campos realengos: formação da fronteira sudoeste do Rio Grande do Sul** (Vol. 1). Prefeitura Municipal de Uruguaiana, 1984.

ROSE, G. **Visual methodologies: An introduction to researching with visual materials**. Sage, 2012.

SUASSUNA, A. **O Movimento Armorial**. Disponível em: < <http://pt.scribd.com/doc/91421023/historicomovimentoarmorial2-100825060922-phpapp02> >. Acesso em: 13 Fev 2013.

SUASSUNA, A. **Ferros do Cariri: uma heráldica sertaneja**. Recife: Editora Guariba, 1974.

Artigo recebido em: 12/04/2017

Aceito em: 05/06/2017